

Este texto é o terceiro artigo, fora de série, do conjunto PALAVRAS SOLTAS, notas dispersas que guardei há cerca de um ano e que só agora foram publicadas. Resultam de preocupações em áreas diferentes do meu trabalho. Serve este texto para dar expressão escrita a uma comunicação oral minha no II Encontro Internacional de História Oral do Cinema Português, iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, que teve lugar em Lisboa nos dias 18 e 19 de novembro de 2019.

(01)

Artigo 1 : **TER DE CRIAR** <http://rcfilms.dotster.com/TER-DE-CRIAR.pdf> 11 de outubro 2019
Artigo 2 : **TER DE VER** <http://rcfilms.dotster.com/TER%20DE%20VER.pdf> 03 de novembro 2019
Artigo 3 : **TER DE SER** <http://rcfilms.dotster.com/TER-DE-SER.pdf> 30 de novembro 2019

Ver e falar

Palavras em movimento são imagens que falam. No caso do cinema mudo são imagens que falam sem som. No caso do cinema falado são imagens acrescidas de som que nos levam a acreditar que aquilo que vemos no ecrã é uma certa realidade, enriquecida quer pela fala quer pelos sons de um certo espaço e de um certo tempo.

Nascido em Paris a 31 de maio de 1917, no 3º ano da Primeira Grande Guerra, cineasta e cientista dedicado às ciências do homem, deixou-nos o Jean Rouch, esta máxima :



I look at the human sciences as poetic sciences in which there is no objectivity, and I see film as not being objective, and cinema verite as a cinema of lies that depends on the art of telling yourself lies. If you're a good storyteller then the lie is more true than reality, and if you're a bad one, the truth is worse than a half lie.

— Jean Rouch —

AZ QUOTES

«*Vejo as ciências humanas como ciências poéticas em que não há objetividade alguma. E vejo o filme como coisa não objetiva e o cinema-verdade como mentiras que dependem da arte de contar histórias. Se formos um bom contador de histórias, torna-se a mentira mais verdadeira do que a realidade. Se formos um mau contador, será a verdade pior que meia mentira.*»

Falava o Jean muitas vezes do 1º filme que viu, levado pelo pai, e da história contada, tinha ele uns seis ou sete anos : 'Nanook, o Esquimó' (*Nanook of the North* - 1922), exímio caçador de lontras, primeiro documentário de longa-metragem da história do cinema (02), de Robert Flaherty (03), filmado em paragens geladas do fim do mundo.

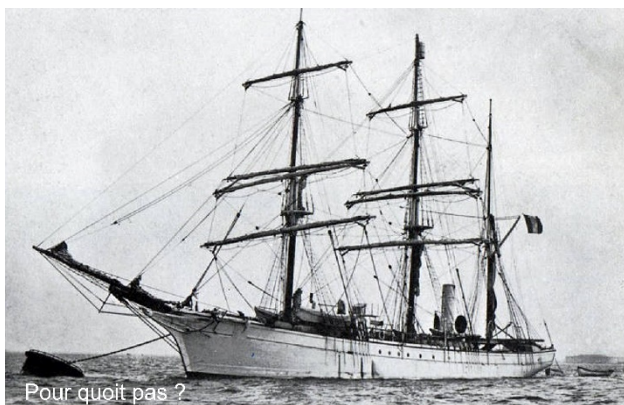
Falava das aventuras do pai, Jules Rouch, da sua exploração à Antártida no navio oceanográfico *Pourquoi pas?*, quebra-gelos de 150 metros comandado pelo comandante Charcot (04). Diz ele, com aquele seu sorriso maroto : «Sou um filho do Pourquoi pas!». Mal o pai pôs o pé em terra ao chegar da Antártida, cumprida a sua missão de meteorologista, deu de caras com uma insinuante dama, Luce Gain, que estava no cais de desembarque à espera do mano, o naturalista da expedição. Começa aí um



Nanook

namoro e casam-se em 1913. O Jules Rouch é destacado no final de 1916 enquanto meteorologista do exército durante a Primeira Grande Guerra. Nasce do casal o Jean Rouch a 31 de maio de 1917.

Nasço eu em Peniche em janeiro de 1940, dois anos depois do começo da 2ª Grande Guerra, que termina em 1945.



Sou filho de um casal de quarentões que tarde se dão conta da asneira que fizeram. A minha mãe, pouco antes divorciada, ganhava a vida fazendo lindas rendas artesanais típicas de Peniche (05). O meu pai, solteirão bem assumido, tinha uma loja de fazendas e mercearia, herdada da minha avó Mariana que era só merceira, além de acudir a partos sempre que a chamavam. Teve essa minha avozinha cinco filhos, dois dos quais morreram à nascença. Ficaram a minha tia Teresa, o meu pai, o do meio, e a minha tia Amélia. Desta irmandade, só o meu pai se casou, fora de horas.



O meu avô materno tinha um barco à vela e uma companha que o ajudava a pescar nos mares de Peniche e da ilha da Berlenga. Para se redimirem do pecado, casaram-se a Maria da Conceição e o Ricardo Costa, quatro anos depois de eu ter nascido, enternecidos, embeijados com o belo criança que graças a Deus os unia. Só então deixei a casa onde nascera, pobre, pequenina, estreita, a casa da minha mãe, para passar a morar numa outra, bem mais ampla, que o meu pai comprou mesmo em frente da primeira e onde ambos se juntaram. Aí fui crescendo, em boa harmonia, em quarto próprio, mesmo em frente do amplo quarto do casal. Numa salinha de estar, com porta para o meu quarto, lá ia a minha mãe tecendo as suas primorosas rendas em almofada de bilros num batucar constante que eu ouvia dia e noite, mesmo quando o “paizinho” e “mãezinha” ferravam o galho. Filho único, sem ninguém que brincasse comigo, crescia em mim a ânsia de me pitar para a rua das traseiras, bem mais animada que a rua da frente. Regalava-me com as nazarenas que aí moravam. Exaltadas por invejas e ciúmes, brigavam quase todos os dias, arrancando tufo de cabelo umas às outras. Catavam o piolho às vizinhas e aos filhos quando não estavam zangadas. A primeira amizade que fiz foi com uma delas, uma garota de olhos azul-claro, da minha idade, a Isaura, que tinha a alcunha de Charrete e que andava sempre de pé descalço. Fazíamos diabruras.



Uma delas, quando íamos a casa da avozinha Mariana, consistia em nos escondermos debaixo da mesa da cozinha para ver aquilo que tínhamos de diferente. Nem a Maria José, a garota que ajudava a minha mãe nas lides domésticas, conseguia reter-me em casa, nem com as histórias que inventava nem com as palhaçadas que armava, pintando-me a cara com uma rolha de cortiça queimada, coisa que o meu pai pouco apreciava. O instinto de homo faber tomava cada vez mais conta de mim à medida que crescia. Levado por amigos de pé descalço, aventurava-me a calcorrear caminhos desconhecidos em busca de canas em canaviais distantes e de rodas de cortiça das redes de pesca da sardinha para fabricar carrinhos que conduzíamos rua fora, com guiador a meio da cana feito com uma das rodas, um dos leitmotiv de uma fita futura : Brumas. Construía barcos de chapa com latas velhas e juntava-me à malta que ia navegar com eles no porto de pesca ou na praia. A única coisa que me retinha um pouco em casa eram alguns livros e revistas ilustradas que o meu pai comprava : o dicionário Lello ilustrado e revistas com aviões de combate.



Pelava-me que ele me levasse a ver no Cinemar filmes de cowboys, do Charlot, do Cantinflas, do Fernandel. O Cinemar era uma soberba sala em estilo art déco, com uma grande plateia, primeiro e segundo balcão. Votado ao abandono durante décadas, refúgio de toxicodependentes, desfez-se num incêndio. O terreno acabou por ser vendido por tuta e meia a um negociante local que aí construiu um edifício de pequenos apartamentos para habitação.



Vida nova, belos tempos

Tinha eu nove anos quando deixei de viver em Peniche, onde não existia ensino secundário. Os comerciantes da terra eram muito visitados por caixeiros viajantes do Estive lá dois anos. O dia a dia começava com uma missa, seguido de um vai vem de aula a aula, de aula a recreio, de almoço a jantar, de jantar a camarata, sempre em fila indiana dupla, muito certinha, controlada por um padre sisudo de sotaina preta. Quem pusesse o pezinho de fora era logo repreendido. Várias vezes recriminado por ser um cabeça no ar, acabei por levar certo dia uma lambada do padre Pereira, pequena figura elétrica que falhou o alvo e me acertou na orelha esquerda, ficando surdo durante mais de um ano. O único espaço de liberdade que tínhamos era o recreio, rodeado de paredes num dos lados e de uma rede de arame no outro, que separava o colégio do exterior. Garotos maltrapilhos da vila por ali apareciam todos

os dias para fazer negócio vendendo um pouco de tudo, incluindo mochos. Escondíamos os mochos dentro das carteiras da sala de aulas. Cada um de nós tinha a sua, o nosso lugar era sempre o mesmo. Comprávamos carne picada aos vendedores para alimentar os bichos. Certo dia, ao abrir a tampa da carteira dou com o meu amigo mocho morto e deixei-me de amizades dessas. Os meus únicos amigos eram um gordalhão voraz com a alcunha de John, o pior aluno da turma, e o Rosenberg, um alemão exilado, esguio e simpático, o melhor de todos. Farto de gaiola, fugia eu durante os recreios. Os padrecas, gente poupada e bem organizada, tinham hortas e pomares para abastecer o colégio. Por lá havia ribeiros de água fresca com rãs de todo o tamanho. Em vez de ter mochos dentro da carteira, passei a ter girinos. Era na verdade um dos piores alunos, mas não tão mau quanto o John. Trazidos pelas saudades, os meus pais apareciam de vez em quando no Carocha, o Volkswagen, verde-verdinho, que o papá tinha comprado em segunda mão.

Estava eu em Peniche, em férias da Páscoa do segundo ano, 1952, quando ele me apareceu com um postal na mão, com cara de fim do mundo, e o colocou bem em frente do meu nariz : só notas negativas menos em desenho. Uma pequena observação em meia dúzia de palavras, que não números, destacava-se no postal : a suspeita de eu ser atrasado mental. Não fazia a mínima ideia do que isso queria dizer, mas a cara do meu pai deu-me logo a entender ser coisa pior que má e por isso logo lhe disse que não queria voltar para as Caldinhas e ponto final. Olhou para mim surpreendido e por aí se ficou. Passados poucos dias chega novo postal informando que tinha havido um incêndio no colégio e que as férias se prolongariam até novo aviso. Foi esse um dos dias mais felizes da minha vida.

Fiquei dois anos em Peniche com lições privadas do conhecido professor Freire, que ensinou muitos filhos da terra, filhos de gente sem dinheiro bastante para os pôr em colégios. Fazia-me bocejar o velho professor, que por isso me ferrava umas boas palmatoadas na mão direita com uma menina de cinco



olhos. Além disso, teimava ele em me dizer que o planeta Terra era em forma de pera e eu em responder que ele não estava a ver bem a coisa por eu ter a certeza que a Terra era redonda. Vingava-me da palmatória nos intervalos das aulas, no belo quintal que ele tinha, cheio de magníficas árvores de fruto, papando figos, peras e ameixas. Farto do velho, acabei por pedir ao meu pai que me metesse na escola pública, a dois passos dali, e assim foi. O diretor da escola era o professor Ribeirinho, que ganhava uns cobres extra ensinando matérias do secundário nas aulas que dava.



Tinha como aluno também o seu filho mais velho, meu amigo, o Janita. Dava o Ribeirinho explicações de francês em casa e lá fui parar de bom grado. Tinha ele um certo respeito pelo meu pai e, por isso, por mim também. Nazi convicto, homem de maus fígados pelo muito que bebia e pelo dinheiro que perdia em jogos de batota com certos amigalhões do Clube Recreativo Penichense, ponto de encontro de gente fina da terra, era um brutamontes. Se um dos seus alunos asneirava, por mau porte ou por falta de atenção, levava logo uma valente cachaçada no gargalo. A sua vítima preferida era o pobre Janita, que mais de uma vez eu vi estatelar-se no chão, direitinho que nem uma tábua, desmaiado. Belos tempos! ...

Tal como em todo o país, os exames oficiais dos alunos do ensino secundário teriam de ser feitos na capital do distrito, no caso da vila de Peniche na cidade de Leiria. Aí fiz o meu primeiro exame, concluindo o primeiro ciclo. A reforma do ensino em que fui educado datava de 1936, criada pelo regime vigente, o de António de Oliveira Salazar.

Perante a inexistência em Peniche de liceu ou colégio em que pudesse continuar os estudos, tive de escolher novo estabelecimento de ensino. O meu pai deu-me duas opções, dois colégios não muito longe de casa. Mostrou-me dois folhetos, um de um colégio em Cernache do Bonjardim, na Sertã, e o outro na cidade de Tomar. Não hesitei um segundo. Na capa do folheto do colégio de Tomar via-se a fotografia da fachada e a de uma grande e linda piscina. Mau grado ter o mesmo nome que o colégio de Santo Tirso, foi esse que eu escolhi. Só depois de lá estar me dei conta do logro : não havia nem haveria piscina alguma. Do mal o menos, não era covil de jesuítas, não havia lá padre algum. Havia sim uma disciplina rígida, mas também havia professoras, infelizmente um bocado insensas. Não era tanto assim com a professora de física, a Rosalinda, que até tinha boa perna. E for lá fiquei.



Tornei-me bom aluno, menos em matemática, por causa da aritmética que o professor Freire não conseguiu ensinar-me. Ainda por cima, o professor de matemática era o diretor do colégio, o Raúl Lopes, homem de voz grossa, pequenino e redondinho, mas de passo ligeiro, tanto nos corredores como nas aulas, sempre a dar matéria nova sem se preocupar com os alunos mais atrasados. Dava-nos aulas de português um ex-seminarista em início de carreira, bastante mais cuidadoso que o Lopes. Repetia os ensinamentos e apreciava muito as redações que eu escrevia. Disse-me um dia que eu havia de ser um grande homem. O meu pai, entretanto, fazia propaganda do Nun'Álvares em Peniche e pouco a pouco começaram por lá a aparecer alguns dos meus amigos.

Ficavam os caloiros numa grande camarata. Os bons alunos tinham direito a quartos de quatro camas e os melhores de todos, dois apenas, a um quarto do primeiro andar, com duas camas e duas mesas de trabalho.

Tinha o colégio dois chefes de caráter oposto e dois ou três sem caráter algum. O Curinhas, homem alto e teso, autoritário e falador, era comunista, mas disso não se falava. O Dom António, redondinho e mole, brando e calado, alemão ali refugiado, pouco nos chateava, ao passo que o Curinhas era bem conhecido por não haver um só caloiro que não levasse uma palmada, com razão ou sem ela, ficando assim bem lembrado o novo aluno. Lá no fundo, era boa pessoa, sendo isso apenas aquilo que pretendia dar-nos a ver. Tanto ele como o Dom António não viam certas coisas que tinham a obrigação de ver, como por exemplo os buracos que nós abríamos à socapa na rede de arame do pátio de recreio para nos pirarmos do colégio. Alinhavam connosco, sabendo bem ao que íamos : nadar nas águas límpidas do Nabão ou frequentar certas ruelas, pouco recomendáveis, onde havia uma ou duas discretas casinhas em que perdíamos a virgindade. Antes disso que aquilo que se via nas aulas da Rosalinda, que se atrevia de vez em quando a cruzar as pernas por baixo do tampo da secretária : meia sala a masturbar-se.

Nos dois últimos anos do curso outras coisas se passavam. O Nun'Álvares tinha um pequeno departamento feminino numa das ruas um pouco mais abaixo. No fim do curso tínhamos turmas mistas na casa-mãe. Sentavam-se as alunas nas duas primeiras filas e os alunos ocupavam as outras. Enquanto o professor falava havia trocas de olhares e fugazes namoros platónicos. Por essa altura compartilhava o quarto de duas camas com o meu bom amigo Paisana por sermos considerados pelo Lopes os melhores alunos da escola. Ambos tínhamos um fraquinho pela Maria do Carmo, a aluna mais gira do feminino. Eramos, no entanto, bastante discretos quanto a isso. Ocupavam-nos mais certos temas filosóficos e políticos da atualidade e o estudo cuidadoso do livro Literatura Portuguesa do António José Saraiva e do Óscar Lopes.

Tivemos a honra de representar o colégio, de capa e batina, no cineteatro da cidade, ao lado do general Humberto Delgado, durante a sua candidatura a Presidente da República, em 1958 (06). Era eu então o diretor do jornal do colégio. Abusando do posto, enchi certa vez a primeira página com um artigo inflamado e a última com um soneto negro, à Antero de Quental. Foi esse o último número do jornal. Por estas e por outras, irritava-se por vezes o Paisana. Sentia-me um pouco magoado e não lhe dava resposta. Caçava a maior barata de entre as muitas que por lá havia e soltava-a no chão do quarto. Desvirado, saltava ele para cima de uma cadeira. E pior ficava quando me via esmagar o bicho com o sapato. Só acalmava passado um bom momento, quando deixava de ver o cadáver, graças à minha bondade.



Restava-nos a ambos fazer o último exame do curso, que teria de ser feito em Santarém. Em vésperas disso alguém resolve aliviar-se do stress numa das tais casas de

tolerância, esta bem mais refinada que as de Tomar. Só uma semana depois, já em férias, alguém se queixa de ter sido vítima de tentação idêntica à que levou o João César Monteiro (07) a ser expulso do Colégio Moderno. Peço-vos desculpa, mas não estou autorizado a revelar de quem se trata. Graças a Deus, a moral desta história é bem mais santa, bem mais fiel ao Senhor que ao Malvado, que insidiosamente eivava com ruindade as carnes do “Joãozinho das comédias” (08).



Belos tempos e outros nem por isso

Adeus colégios, estava eu agora em Lisboa, livre como nunca. Tinha-me dito o Raúl Lopes que melhor seria eu fazer o curso de direito. Candidatei-me. Tive uma crise de nervos no exame, desatinei e chumbei. Mandei à fava o direito, havia advogados a mais neste país, e decidi mudar-me para a Faculdade de Letras. Perdi um ano por causa disso. Acabei por lá entrar, frequentando o curso de línguas e literaturas germânicas. Seria mais complicado escolher outro curso por motivos curriculares e assim ficaria a falar alemão e inglês, além do francês aprendido nas explicações do Ribeirinho e melhorado no traquejo com turistas franceses que apareciam de férias em Peniche. Estaria assim equipado para singrar noutros rumos, para navegar noutros mares. Bateu certo o raciocínio.

Andar de rédea solta durante um ano acabou por me servir às mil maravilhas. Serviu-me para desbundar com o Farinha Antunes, meu ex-colega de Tomar, filho de pai abastado, que tinha um MG descapotável ou, para coisas menos íntimas, um Peugeot de cinco lugares, para farras com os amigos. Eu era o mais tímido da canalha e o mais fraco na folia, mas isso não me impedia de delirar com certas loucuras dos mais atrevidos. Por exemplo : o Farinha Antunes, ao votante do Peugeot, avançava devagar rente ao estreito passeio da Estrada de Benfica, bastante frequentado por passantes incautos, enquanto um dos nossos fiéis amigos, meio dependurado fora da janela, braço bem estendido, apalpava a bunda de todas as velhas e novas que apareciam



pelo caminho. Tínhamos encontro certo quase todos os dias na esplanada do Parque Eduardo VII, lugar estratégico para os engates do Farinha. Lugar calmo e bucólico, onde havia música de fundo, servia-nos para estudar e dar à língua. Aí, eu sempre estudava alguma coisa, mas quanto a engates nada aprendia. Nada aprendi com um

namorico fora de série, com doce e esbelta alemã que por ali aparecia, um pouco mais madura que eu. Convida-me ela certo dia a ir beber um copo a casa dela, ali mesmo ao pé. Um copo, dois copos e vai daí, agarradinhos um ao outro, começamos a dançar, mesmo sem música. Quando a coisa mais aquece, abre-se de repente a porta da rua, é o marido dela, que se põe a observar a cena de olhos arregalados. Sem me largar, escusa-se a bela com uma desculpa tola. Acagaçado, hesito por um momento e logo me piro porta fora.

Bons tempos foram aqueles passados com o Ilídio Ribeiro, meu amigo do colégio de Tomar, muito menos assustadiço que o Paisana e bem mais atrevido que ele em lances do intelecto. Tinha-se feito aluno do curso de engenharia civil do Instituto Superior Técnico, a isso obrigado por pai severo, pato-bravo das Olas, aldeia dos arredores de Tomar. Partilhávamos o gosto pelo cinema e íamos muitas ver filmes no Cineclube Imagem (09), ali mesmo ao pé do Técnico, gerido pelo José Ernesto de Sousa (10), de quem ele se fez amigo. Morava este num quarto do primeiro andar da Travessa do Fála-Só, situada nas imediações dos Restauradores, do lado do elevador da Glória. Tinha o andar três salas e um amplo corredor que as servia. A sala à entrada do corredor era a sede dos Amigos de Olivença (11), a do fundo era o quarto do Zé Ernesto e a do meio estava desocupada. Situava-se a sede do cineclube Imagem num pequeno espaço no lado oposto do patamar das escadas.



Couraçado de Potamkin

Ambicioso como era, não hesita o Ilídio em alugar a sala do meio. Servir-nos-ia como sede dos Caderno de Hoje (12), projeto que pretendíamos levar a bom porto. Pouco tempo depois começariam a ser editados os primeiros números dos cadernos. Certo dia, depois de uma viagem que fez a Paris, em negócios do pai, aparece o Ilídio com uma bobine de 16mm debaixo do braço : 'O Couraçado Potamkin' de Eisenstein (13). Era filme desconhecido em Portugal. Tanto circulou o filme que acabou por se perder.

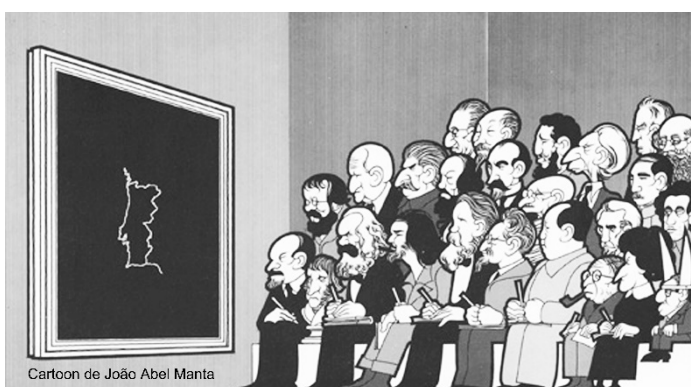
Os piores tempos dessa época seriam consequência da guerra colonial (14), em que outras guerras não menos desastrosas se intrometeram, agravando a adversidade. Portugal precisaria de carne para canhão, de gente da minha idade. Faria eu vinte anos em janeiro de 1960. Arrepiava-me o serviço militar. Tinha inspeção marcada para agosto desse ano, 1960. Na iminência de ser apurado, tive o cuidado de avisar o meu pai da intenção de bater a asa e de me pôr a milhas. Fugia para Paris, mesmo de bolsos vazios. Do mal o menos! Para me livrar da tropa



Portugueses mortos em explosão de mina terrestre

tinha a meu favor um defeito físico, uma miopia aguda de menos dez dioptrias em cada olho. O meu pai levou a sério o assunto, meteu umas cunhas, e assim me livre de ter de servir a nação como oficial miliciano. O Ilídio tinha feito a inspeção um ano antes. Estava apurado e detestava tanto como eu o serviço militar. Inspirando-se no meu caso, trata logo de inventar uma doença. Servindo-se de um tubo em alumínio de pastilhas de vitamina C, cheio de gelo seco, faz uma 'úlcer venosa' na barriga da perna esquerda. Tinha de andar sempre a avivar a ferida, era uma chatice e a chaga começou a ficar feia. Resolveu o problema mudando a úlcera para a perna direita, o que era menos convincente ainda. Acabou por meter também umas cunhas e assim se livrou da tropa. Tivemos sorte. Dois anos mais tarde não haveria cunha que nos valesse. O primeiro episódio da maior tragédia da história militar portuguesa teria início a 15 de março de 1961, em Angola, em território que viria a designar-se por Zona Sublevada do Norte.

Interrompemos as publicações, que só foram retomadas nas vésperas da Revolução dos Cravos. No entanto mantivemos o fogo-sagrado do cinema e encontros frequentes. Levei a sério o meu curso de letras. Vivi com intensidade a crise académica de 1962 (15), o seu antes e o seu depois, fazendo novas amizades, apesar do ócio que me invadia em certas disciplinas e com certos professores. Baldava-me às aulas do professor de cultura medieval, ancião empedernido, um chato de primeira, do Vitorino Nemésio, que passou o ano inteiro a falar do culto da Virgem, a algumas lições do David Mourão Ferreira, só literatice e show off para com o feminino, só pose e galanteio



perante meninas babadas que o lisonjeavam como paga de boas notas ou de encontros privados. O melhor professor que tive foi o Luís Lindley Cintra (16), que me iniciou na linguística e na semântica, levando-me à descoberta das tendências inovadoras dessa época, interesse que mantenho. Foi personagem de relevo durante a revolta estudantil. Estavam os estudantes da Faculdade de Medicina encurralados no Hospital de Santa Maria, quando o Lindley Cintra lá chegou encabeçando uma multidão de estudantes de Letras e de Direito, que acorria para os defender da polícia de choque, armada até aos dentes e comandada pelo famigerado capitão Horta Veiga. Avança o Lindley Cintra, sozinho, indefeso, numa tentativa de apaziguar os brutamontes. Desaparece de súbito no meio dos guardas e só volta passado um momento com uma grande brecha na testa, que o cobre de sangue.

Sedento de paz, de ar fresco e do cheiro do mar, não perdia eu então um fim-de-semana sem mergulhar no azul, até mesmo em dias da semana em que certos dos meus amigos se baldavam ao emprego. Íamos até Sesimbra, que é pertinho de Lisboa. Alugávamos uma barca, quase sempre a do João Catita, e lá íamos nós, costa fora, até ao Cabo Espichel. Fazíamos primeiro uma sessão de caça submarina e logo depois um mergulho com escafandro autónomo, para apanhar lagostas. Fui eu o primeiro a apanhar outras coisas : cepos de âncoras romanas (peça de chumbo que fixa uma âncora ao fundo). Passaram as lagostas a ser interesse de segunda ordem. Passei eu a sondar outras paragens, primeiro nos fundões do estuário do Sado, junto das ruínas das setárias de Troia, de onde trouxe ânforas de garum (massa de peixe moído), que eram transportadas por via marítima para abastecer Roma e outras cidades. Mais tarde descobriria na Berlenga um cepo com mais de dois metros e meio, que deu a perceber que por ali passavam grandes navios. Estudada a peça, conclui-se ser bastante mais antiga. Não era romana, mas sim fenícia, o mais antigo cepo de âncora conhecido de toda a Antiguidade, podendo mesmo fazer recuar a data em que se pensava ter ocorrido a generalização do uso de cepos em chumbo no Mediterrâneo (17). Tinha eu então uma máquina de filmar de dezasseis milímetros, uma Paillard Bolex novinha em folha. Levaram-me assim as ânforas do Sado a fazer o meu primeiro filme.



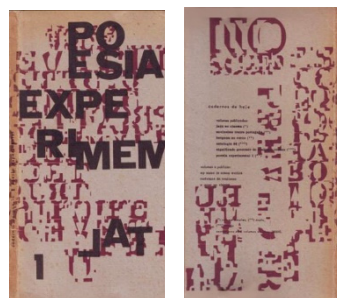
Era eu então professor do liceu Padre António Vieira, em Alvalade, ali mesmo em frente da casa em que morava e onde o meu filho mais novo, o Manel, faria mais tarde o curso liceal. Comecei por dar aulas de inglês no primeiro ciclo. Dois anos depois passei a dar aulas de inglês e de alemão, no terceiro ciclo.

Tive alunos no primeiro que se tornaram famosos, o Santana Lopes, que foi primeiro ministro, o Carmona Rodrigues, seu amigo, que foi professor na Universidade Nova e Presidente da Câmara de Lisboa, o Francisco Louçã, com quem mantenho relações cordiais. O melhor aluno que tive foi o João Zilhão (o homem do 'Menino do Lapedo'), que se fez meu amigo e com quem me mantenho em contacto.

Tenho boas lembranças dessa época, apesar de alguns incómodos que tive por ser tolerante demais na disciplina. As minhas aulas do terceiro ciclo eram barulhentas, ao ponto de o Aristides Gonçalves, diretor da escola, ter batido à porta da sala pelo menos duas vezes para indagar sobre o que se passava. Por essas e por outras tinha sérias dúvidas quanto às minhas qualidades de docente. Certo dia, pouco tempo depois de concluídos os exames de final de curso, cruço-me com o Aristides ao entrar no liceu e pergunto-lhe timidamente se já havia resultados. Diz-me ele que toda a malta tinha sido dispensada da prova oral, ao passo que os alunos do colégio São João de Brito, o mais reputado de Lisboa, situado no Campo Grande, propriedade dos jesuítas, teriam quase todos de fazer a prova oral. Belos tempos esses!...

Tempos depois e a redenção

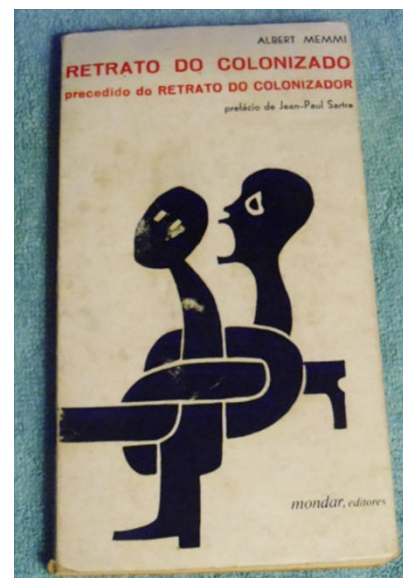
Nesses tempos ia eu de vez em quando ao Vává (18), mais para ouvir e menos para ser ouvido, sucedendo o mesmo quando ia ao Centro Português de Cinema, na Rua do Centro Cultural, ali mesmo ao pé do liceu. Aparecia mais no Café Monte Carlo (19), no Saldanha. Iniciava com o Ilídio Ribeiro a publicação dos Cadernos de Hoje (20). Os primeiros foram o 'Jazz no Cinema', o 'Novíssimo Teatro Português' e o 'Bergman no Cerco', publicados em 1964. Seguir-se-ia o primeiro caderno da Poesia Experimental – folhas dobradas dentro de uma pasta de cartão – (21), publicado, em abril de 1964, em impressão offset da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico. O segundo caderno sairia mais tarde em edição de autores. Falava bastantes vezes com o Herberto Helder e com o António Aragão e menos com o Melo e Castro, alguém menos afável e que de mim pouco ouvia. Não resistia o Aragão a nos contar nesses encontros do Monte Carlo histórias picantes lá dos Açores, como a do padre, do sacristão e de uma religiosa da freguesia, que costumavam tapar o objeto do pecado com um pano sacro, redimindo-se em coro com orações e água benta. Ficámos bons amigos. Ia eu por vezes a casa do Herberto botar paleio. Numa dessas vezes, depois de o António Aragão regressar aos Açores, dei-lhe a ler, não sem algum receio, o manuscrito de um pequeno artigo que tinha acabado de escrever sobre a 'Electrónico-Lírica', inspirado nos ensinamentos do Lindley Cintra. Leu-o com atenção e logo depois me fitou, em silêncio, com um grande sorriso. Ficou ele com os papéis e eu sem o escrito.



Só voltaríamos a publicar livros em janeiro de 1974, sendo eu o gerente de nova editora vanguardista, a MONDAR editores. Alguns deles seriam apreendidos. O primeiro a sair foi 'Política e Linguística', livro de culto de Noam Chomski. O segundo 'Notas para uma análise da Revolução Russa', de Jean Barrot, em fevereiro, o terceiro, no mesmo mês, 'Imperialismo e Dependência' de Salvador Allende, o quarto um livrinho ilustrado do impagável caricaturista Maurice Siné, mais conhecido por Bob, a CIA (22), em maio, e o quinto o 'Retrato do Colonizado seguido do Retrato do Colonizador', clássico de Albert Memi, em julho. A CIA estava no prelo e, tanto eu como o Ilídio, tínhamos a PIDE à perna.



Chamaram-me um dia à António Maria Cardoso, pregaram-me um sermão e disseram-me que seria expulso do ensino se não tivesse juízo. Não sabiam eles nada ainda da carta na manga. Mas sabiam bem que a sede da Mondar era no nº 48 r/c esq. da Estrada de Moscavide e que por lá havia livros. Quando certo dia eu e o Ilídio lá chegamos damos de caras com uma brigada de Pides à nossa espera. Pergunta-nos um deles : «Qual dos senhores é o gerente da firma?». Acagaça-se o Ilídio, aponta o dedo para mim e logo dá à sola. A minha sorte foi não haver lá livro algum. Tinha-nos avisado um colega, o José Ribeiro, dono da livraria Ulmeiro, que tal visita era de esperar. Espiolharam os Pides no escritório tudo o que lhes cumpria espiolhar e lá se formam, resmungando.



Traz-nos a Revolução dos Cravos a redenção de um dia para o outro. Na madrugada do dia 25 de abril de 1974 telefona-me o Ilídio dizendo-me para tirar do frigorífico as bobines de filme que eu lá tinha à espera de serem filmadas e de preparar a Paillard Bolex para entrar em ação, que vinha já buscar-me. Depressa chega e depressa chegamos ao Largo do Chiado. A telefonia do carro era de banda corrida. Num dos extremos da banda sintonizámos uma frequência dos comandos da GNR dando ordens a uma guarnição que acabava de ocupar o Largo do Chiado. Por lá passando, concluímos que era na Praça do Comércio onde se encontravam as forças principais dos revoltosos. Foi aí que eu comecei a filmar, acabando no Largo do Carmo ao fim do dia, em missão cumprida.



As imagens desse dia seriam enviadas por avião à ARD (Associação das Empresas Públicas de Radiodifusão da República Federal da Alemanha), a mais importante rede da televisão alemã, logo que o aeroporto de Lisboa abriu, dia 29, e difundidas no dia 30. No dia 31, chega o Siné a Lisboa. Instala-se em minha casa para se juntar à multidão nas festas do 1º de Maio e participar dias depois no lançamento da CIA. É em minha casa que desenha os três inesquecíveis cartoons sobre a Revolução dos Cravos. Filmo durante mais uns dias, só terminando quando acaba a película. Acabo assim por filmar um grupo de pides, recambiados para o Forte de Peniche, no pátio de recreio dos presos políticos : descontraídos, tronco nu, deitados em cima de toalhas de praia, apanhando banhos de sol.



Chega em maio a Lisboa um repórter da ARD, Horst Hano (23), que me telefona e me propõe colaboração. Será um dos primeiros e mais ativos jornalistas estrangeiros a noticiar sobre a Revolução dos Cravos. Encontro-me com ele no Hotel Tivoli e dou-lhe contactos de várias personalidades e jornalistas, entre os quais o Adelino Gomes, que passará a ser o seu principal informador. Dará o Hano desde então larga cobertura aos acontecimentos históricos e políticos até ao Verão Quente de 1975, mantendo-se ativo em Portugal durante cerca de um ano. Pede-me para filmar nas suas ausências tudo o que for importante e deixa-me película para isso. É em grande parte graças a ele que personalidades históricas como Otelo Saraiva de Carvalho, Álvaro Cunhal, Mário Soares, António de Spínola e outros, além de questões como o Movimento dos Capitães de Abril, o MFA, a Guerra Colonial, o caso República, o estado do país e as contradições da revolução acabam por adquirir relevância internacional. Mário Soares, em particular, começa por ser conhecido na Alemanha graças ao jornalista.



A meio do Verão Quente instala-se também no Hotel Tivoli uma equipa de repórteres da CBS (Columbia Broadcasting System), rede de televisão de sinal aberto com sede em Nova Iorque. Sou a primeira e única pessoa que contactam, sabendo de antemão ser eu colaborador do Hano. Propõe-me o diretor de produção que me organize de modo a os acompanhar como segunda equipe para dar cobertura ao comício do Mário Soares no Porto, organizado pelo Partido Socialista na Praça Humberto Delgado, dia 14 de agosto, cerca de um mês depois do comício do PS na Alameda Dom Afonso

Henriques, em Lisboa (24). Quando lá chegamos é-nos dito que teríamos de filmar num outro lugar, numa pequena praça perto do cineteatro Rivoli. Achei estranha a escolha. Apercebi-me depois que o diretor de produção estava ao corrente daquilo que lá se ia passar, algo que lhe serviria para mostrar o estado em que Portugal então se encontrava (ver a minha entrevista no II Encontro). Fiquei assim com luz verde para filmar o que de importante surgisse. Antes do seu regresso, fez-me um convite : trabalhar a tempo inteiro para a CBS como repórter de guerra. Sentiu-se frustrado com a resposta que lhe dei, mas acabou por se sentir feliz com a liberdade que me deu.

Em breve lhe chegariam às mãos imagens de Lisboa, que seriam difundidas como primeira notícia do dia, dia 28 de setembro, história escaldante num mundo em guerra fria. Tive a sorte de me sair bem em dar a ver coisas destas, em incursões na grande reportagem, imiscuindo-me nos grandes problemas da época em que vivia, mas não era isso que eu pretendia. Pretensões bem mais humildes pautavam o meu dia a dia, antes queria apaziguar-me com paisagens serenas que desgastar-me em tumultos chocantes, como aqueles que então nos tiravam o sono, que nos quebravam o alento, que nos toldavam a vista, enegrecendo o sonho e a realidade.

Tinha comprado uma nova máquina de filmar, que comecei a usar em substituição da Paillard, que de qualquer modo me serviria como segunda câmara na série Mar Limiar, equipada com um motor elétrico com gerador de sincronismo. Era uma Beaulieu, câmara leve de 16mm, alimentada por uma bateria no punho. Funcionava com bobines de 30 metros dentro do corpo. Em alternativa podia levar no topo um magazine de 60 metros. Era uma câmara bastante inovadora, versátil, podendo ser usada à mão ou num tripé. Com ela trabalhei tanto para a ARD como para a CBS. Consegui convencer o Hano que a ARD me vendesse uma Éclair Coutant usada, mas inteiramente restaurada. A partir daí fiquei bem artilhado.



Port Wine, Ventura & Desventura

Já não era professor nem editor. Era agora realizador-produtor. Passei pelo Grupo Zero, uma das cooperativas derivadas do desmembramento do Centro Português de Cinema e fundei depois, em parceria com o Ilídio Ribeiro, a Diafilme, com sede na Rua Conde Redondo, perto da Sociedade Portuguesa de Autores, de que passei a ser sócio, com o nº 701. Fazia-se documentários na Diafilme. A tetralogia de longas-metragens Homem Montanhês (25), cada uma delas série de três curtas em formato televisivo. A longa, O Nosso Futebol (26), no centenário do futebol português, sua história social e política, com apoio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa para a qual produzíamos uma longa série de curtas-metragens culturais de cerca de dez minutos, realizada por jovens realizadores externos e difundida pela RTP. Outras curtas como Lisboa e o Mar (*Lisbon and the International Court for the Law of the Sea*), obra pouco convincente da minha autoria, filme estreado em 1982 em sessão solene no auditório da Gulbenkian, destinado a apoiar a candidatura de Lisboa como sede do Tribunal Internacional do Direito do Mar, iniciativa da UNESCO. Lá estiveram notáveis almirantes e o Presidente da República, o General Ramalho Eanes, que gostou muito do filme e que obrigou os notáveis a fazerem fila para darem um aperto de mão à equipa. A minha primeira longa-metragem de ficção, Verde por Fora, Vermelho por Dentro (27), produzida só com dinheiros da casa, por causa da nega do ICA, a primeira. Estreou no Estúdio 144, sala frequentada por amantes de bom cinema, na Rua Defensores de Chaves, perto do Campo Pequeno, gerida pelo Almeida Faria (27), meu antigo colega da faculdade, escritor e dono da distribuidora Doperfilme. Foi classificado o filme pela crítica portuguesa da época como disparate. Esteve no 9º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, no 10º Festival Internacional de Cinema de Salónica, na Grécia, no 31º Festival Internacional de Cinema de Berlim (Filmmesse - de 14 a 19 de Fevereiro: destaque para o cinema português) e no Festival de Cinema Mediterrânico de Lecce, Itália, (Cinema e Mezzo Giorno d'Europa). Foi posto em destaque pelo jornal italiano Il Manifesto. A falta de apoios do ICA e a recusa de práticas lucrativas levaria ao encerramento da Diafilme.



Volto assim à condição de realizador-produtor, de alguém a quem são negados direitos elementares de cidadania, de criar e de produzir, por incúria do Ministério da Cultura, que disso bem podia tirar partido para melhor cumprir a sua nobre missão, evitando que a indústria desenfreada, a ambição cega, reduzisse a sua pessoa e a nossa a caricatura, a risível entidade. É nessa condição que me mantenho, como muitos dos meus colegas mais novos, condição em que o caricato se espelha. Velhos ou novos, somos um qualquer Zé Povinho, gajo simpático que se atreve de vez em quando a fazer um manguito.



Sempre que tal acontece, encolhe-se o ministério dentro do seu antro escuro para que não se lhe veja a vergonha, o vermelho que aflora num triste rosto pasmado.

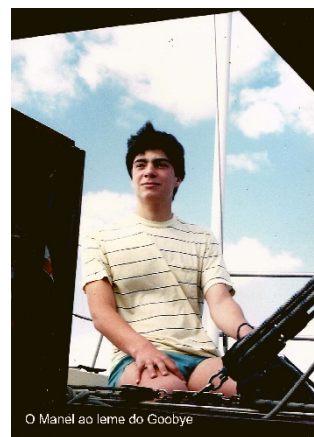
Seguiu-se à série *Mar Limiar* (29), produzida nestas condições, a tetralogia *Homem Montanhês*, produzida em circunstâncias semelhantes, desta vez não só ao ar livre, mas também debaixo de telha. Encerrada a *Diafilme*, tive de mudar de vida. Desencantei um novo produtor que também mudava a sua, deixando-se de publicidades. Apostava ele agora na produção de grandes filmes e por isso se interessou pela nova longa-metragem que eu tinha na calha, uma adaptação da trilogia *Port Wine* do escritor neo-realista Alves Redol. Fiquei assim debaixo de telha durante cinco anos, na sede imponente de nova casa, a produtora *Filmes Costa do Castelo* (30), situada na rua com esse nome, em Lisboa. Finalmente consegui que o ICA subsidiasse obra minha, graças ao novo produtor, o dinâmico Paulo Trancoso, que consegui sacar também uns dinheiros para o novo filme do José Fonseca e Costa, o *‘Senhor Ventura’*, adaptação do conto homónimo do Miguel Torga. Convivia eu dia a dia com o Zé Fonseca, num interminável convívio. Não havia um só dia em que tanto eu como o Zé não saíssemos da Costa do Castelo de língua de fora, com a sensação de termos passado o dia a empurrar uma montanha, que não avançava mais que um centímetro. Serviam os dinheirinhos do ICA para financiar outros projetos do Paulo em coprodução com gente lá de fora, tudo borrifado com a água benta do então Secretário de Estado da Cultura,



que inteiramente se identificava com a filosofia do Paulo, o bem-sucedido cineasta António-Pedro Vasconcelos (30). Entenda-se que o mal não era mal-intencionado, era só filosofia. A prova disso é que o Paulo teve sucesso com a teoria. Em curto espaço de tempo conseguiu estrear no cinema São Jorge, com sala a abarrotar, uma fita de mistério e suspense, *Night Train to Lisbon* (2013), do dinamarquês Bille August, filme com grandes estrelas, o Jeremy Irons, o Bruno Ganz, o Nicolau Breyner, a Charlotte Rampling, a Beatriz Batarda. Só que a coisa saiu torta. Disse o crítico de cinema David Rooney, na revista americana *The Hollywood Reporter*, que ‘o realizador Bille August se deixou enredar num estilo fora de moda em que temas centrais se esvaem passo a

passo'. Fiasco. Fiasco para o 'Port Wine'. Fiasco para o 'Senhor Ventura'. Fiasco para mim porque jamais me seriam pagos os direitos de autor. Fiasco para a SPA, cujo presidente de então, o Luiz Francisco Rebello (31), excelente pessoa, perdoou a dívida ao Paulo por ser presidente como ele : presidente, com pompa e circunstância, da Academia Portuguesa de Cinema, clube de ilustres que se divertem macaqueando o *American Film Institute*. Pena é o Zé Fonseca já cá não estar. Deixa-me só. Deixa-me como único testemunho de uma aventura comum que toca a muita gente do nosso ofício e não só a nós dois, além do Paulo e do APV. Desventurado, bem o entendo. Faz ele bem em se refugiar no Paraíso. Está agora em descanso. Se cá ainda estivesse, homem fervoroso com sempre foi, havia de ser lindo...

Tive eu então de acalmar os ânimos também, de recuperar da canseira. Teria de voltar a casa, de pensar, de aproveitar todo o meu tempo para fazer algo que nunca fizera. Precisava de um tempo indeterminado para me refazer antes de romper o fio do horizonte, os extremos do Mar Limiar. Tinha um veleiro de dez metros e meio na doca de Alcântara, novinho em folha, a que dei o nome de Goodbye. Nunca antes tinha pensado em ter coisa assim. Foi o Ilídio que me levou a isso. Um engenheiro francês que trabalhava na empresa do pai, nos Olivais, um tal Lavery, sonhava com grandes navegações. Saiu da firma antes do previsto e deixou lá o casco de um barco à vela e um motor auxiliar a gásóleo



da marca Renault. Pergunto ao Ilídio certo dia o que era feito do barco. Diz-me estar tal como antes estava. E logo a seguir : "Olha, dou-to!... E o motor também!..." E assim foi. Atravessou o navio a Baixa de Lisboa em cima de um enorme camião, que o deixou na doca de Belém, onde vários maduros como eu construía veleiros de sonho. Acabei eu próprio por construir o meu, com a ajuda de um mecânico e de um habilidoso calafate de Peniche que trabalhava em Lisboa e que fez os interiores segundo um desenho meu. Tornei-me arquiteto naval nas folgas do trabalho da Costa do Castelo e aos fins de semana. Tirei um curso de patrão de alto-mar. Cerca de um ano depois, foi o Goodbye bota-abaxo no cais da doca de Belém. De navegação à vela não topava eu nada, mas graça a leituras de manuais de instrução e de lições de um garoto de catorze anos do Clube Naval, filho do Sebastião, amigo meu do Nun'Ávares, cedo aprendi a desenrascar-me, em passeios no Tejo. Metido nesses passeios, havia também o Rui, um estivador com reforma precoce que fazia companhia comigo e com o rapaz. Foi com eles que me lancei ao mar, numa tarde de sol em que soprava um ventinho fresco que nos levou direitos ao estreito de Gibraltar, rumo ao Mediterrâneo. Foi aí que o puto nos deixou, impedido de prosseguir viagem por causa da escola, regressando de comboio à casa paterna.

É este o princípio da história do Goodbye, longa história aqui interrompida, cujo fim dará início a uma outra. Apenas vos adianto que tive de o vender por tuta e meia pouco depois de regressar a Lisboa. As despesas de manutenção não eram grande coisa, mas o custo de ter o barco na marina seria para mim

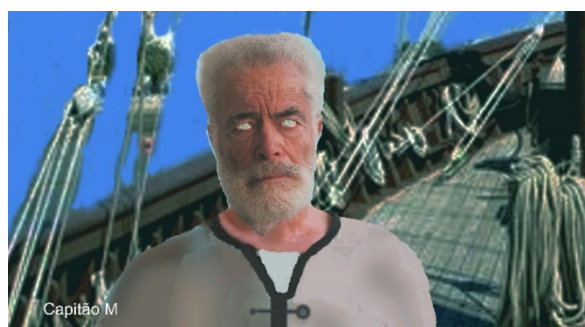
A minha namorada Michelle na Ilha do Farilhão com a Bereinga ao fundo



incomportável. Tinha além disso de continuar a criar o meu filho mais novo, o Manel, que teve de sair da casa materna para viver comigo. Começou assim o curso secundário matriculando-se no liceu onde eu tinha trabalhado, bastando-lhe apenas atravessar a rua. Dali saiu o Manel para a universidade, onde fez um curso de engenharia do ambiente, tornando-se barra em matemáticas.



A história a que o Goodbye dará origem é a 'Crónica do Marinheiro Cego', o capitão M, homem rijo de olhos brancos, que ruma no ano de 1489, não para oriente como eu tinha feito com o Goodbye, mas sim para ocidente, comandando uma caravela a que deu o nome de Anjo Gabriel. Vai em missão secreta ao serviço de El Rei Dom João II, na demanda de uma ilha perdida nos mares do Sul, conhecida como Antília, terra de ouro e prata onde nascem todos os rios que enchem o mar. Tem M como inimigo o Capitão Rato, marujo untoso que nunca o perde de vista. Onde está um, está sempre o outro. É mudo o imediato do capitão de olhos brancos, motivo de chacota para os céticos. Um cego e um mudo a comandar um navio? Ripostam outros dizendo que o capitão M vê melhor com um só olho que todos os outros com os dois bem abertos. Riem-se estes por causa da Chinha, porcalhota gordinha e preguiçosa, menos quando M perde o rumo. É a mascote do capitão e faz parte da companhia. O padre Bonifácio, o capelão, torce o nariz por causa disso. Zarpa do Tejo a caravela Anjo Gabriel numa tarde soalheira, levada por uma fresca aragem de vento norte. Arriba passados uns dias o navio a uma ilha árida do arquipélago de Cabo Verde, depósito de escravos filhados pelos portugueses nas costas africanas de São Jorge da Mina (32). Fica aí retido o Anjo Gabriel durante uma boa temporada, devido a surpresas desagradáveis, a tramoias, a problemas de difícil resolução. Ergue finalmente as velas, singrando veloz para ocidente com a bússola marcando 222 graus.



A Crónica do Marinheiro Cego é um filme encalhado. Iniciei a escrita do guião em maio de 2005. A terceira versão data de 2007, a quarta de 2012, a quinta de 2015. Candidatei-me duas vezes ao financiamento do ICA, que me deu nega. Mantém-se o projeto na gaveta depois da terceira recusa. Assim foi parar ao caixote do lixo o esmerado dossiê da produtora Papaveronoir (33), do meu colega João Viana (34), com quem eu tinha assinado contrato. Mau grado isso, garante-me ele que tenciona levar a bom porto o Marinheiro Cego, por muito que isso custe. A razão dada pelo júri era apenas e nada mais tratar-se de 'um filme de alto risco' por ser radicalmente inovador. De



início concebido enquanto filme 'normal', deixou de o ser quando o converti em história aos quadradinhos, algo que na sua essência e estilo sempre foi e sempre será. Tinha eu já desafiado o Cunha Telles (35) a tomar conta da obra, dando-lhe a ler um guião que permitiria que as filmagens se fizessem em terras e mares de Portugal. Gostou muito do projeto, mas disse-me que para o fazer teria de haver grandes atores estrangeiros e muito dinheiro. E por aí se ficou. Depois disso deixei um guião e um minucioso dossiê ao Paulo Branco, que nem resposta me deu.

Em resposta às dúvidas do ICA, antes da decisão do júri, fundamentei motivos, desfiz equívocos, desenhei em BD algumas das cenas. De volta, nem uma palavra. Nada!... Nada, mesmo depois de lhes dizer que não há registo na História do Cinema de filmes inovadores sem que se corra altos riscos. Dei-lhes como exemplo o caso do Manoel de Oliveira. Silêncio e ponto final.

Antes de começar a escrever o guião, a meio da década de 1980, fiz rumo a Paris. Fui ter com o Jean Rouch para que ele me orientasse quanto a aspetos etnográficos do filme. Respondeu-me o Jean que o melhor seria eu começar a frequentar as sessões dele no Museu do Homem (36), aos sábados de manhã, e aparecer sempre que quisesse no seu gabinete de trabalho. Assim fiz, vi muitos filmes, tivemos muitas conversas e íamos muitas vezes almoçar ao Rostand, um restaurante simpático da praça do Trocadero, mesmo em frente do museu. Consolidava-se entre nós a amizade. Não voltei a falar-lhe na Crónica, mas ocupava uma boa parte do meu tempo a fazer pesquisa na biblioteca do Museu do Homem e numa pequena filmoteca especializada em etnografia africana, então situada numa pequena rua perpendicular à Avenida Saint-



Germain-des-Prés, perto do Café de Flore. Assim reuni os dados necessários para futuramente desenhar a cenografia e a etnografia africana da Crónica.

Foi o início da reviravolta. Voltei a Lisboa, onde fiquei uns meses, para resolver assuntos pendentes. Comprei uma câmara digital Ikegami DVCpro, equipamento de primeira ordem naquela época, de qualidade superior ao DV, que veio substituir o vídeo analógico e que invadiu o mundo. Regressei a Paris em 1998 com uma nova ideia na cabeça : filmar uma entrevista no Museu do Homem com o Jean, com



a Germaine Dieterlen, ambos alunos de Marcel Mauss, e com o Brice Ahounou, natural do Benim e ajudante do Jean no museu. Levou-me o trabalho cerca de duas semanas. Fiz duas projeções com extratos do filme, a que dei o título de Paroles (37), uma na sala de cinema do Museu do Homem e outra no auditório do Instituto Camões, com salas cheias num caso e no outro. Por essa altura organizo na Cinemateca Francesa, em 2002, um ciclo de filmes portugueses de vários realizadores, tendo como tema central uma homenagem ao trabalho do António Reis e da Margarida Cordeiro (38).

Em Lisboa, um episódio de Paroles é exibido no Instituto Franco-português e a versão legendada de 80 minutos estreia na Cinemateca Portuguesa. A RTP não dá resposta a uma proposta de difusão da versão TV de 50 minutos no centenário do nascimento de Rouch.



As tomadas de vista de Paroles (*rushes*) ficaram em standby durante uns anos, aguardando que eu tivesse meios de as montar. Tenho em arquivo passagens dos diálogos com o Jean Rouch sobre a presença de Portugal na costa ocidental de África e uma conversa de cinquenta minutos como o Brice Ahounou sobre o mesmo tema. Dois projectos na gaveta : o Paroles e a Crónica do Marinheiro Cego. Passei por isso a outro projeto, o Brumas (39), docuficção autobiográfica em estilo poético, filmada em Peniche, volvido meio século, num bairro pobre no bordo da falésia onde morava agora a Maria José, a rapariga que trabalhava como criada em casa de meus pais quando eu tinha seis anos. Antes de meter mãos à obra tentei em vão obter, por intermédio de um produtor-distribuidor da nossa praça, o tradicional apoio do ICA. Acabei por fazer o filme sozinho, quase sem custos, apenas com ajuda de um assistente de montagem voluntário, meu amigo, o João Brandão. Concorri com o Brumas ao 60º Festival de Veneza (2003) e a obra foi aceite, conseguindo assim obter da parte do ICA o dinheiro necessário para tiragem de um negativo em 35mm e uma cópia para o festival, em setembro. A conversão para película e a mistura de som foram feitas em Paris. A antestreia nacional fez-se na

Cinemateca e no Festival de Troia. A estreia comercial foi no decrepito Cinema Quarteto (40), em Lisboa. A distribuição em Portugal foi na sala de cinema do moribundo centro comercial Quarto Crescente, em Peniche, ficando-se por aí.



Ficou o filme cativo de um contrato sem consequências com o produtor-distribuidor português David & Golias, até à data em que caducou,

2010. Só em abril de 2011, graças a uma prendinha de 5.000 € da Fundação Calouste Gulbenkian e a uma exceção às regras (sacada a ferros) num contrato com um exibidor de Nova Iorque, o filme estreia no primeiro 'quarteto' da cidade, o Quad Cinema (41), ficando em cartaz durante uma semana. A crítica foi positiva, ao contrário da lisboeta. Abrem-se as portas para que o filme seja exibido noutras cidades. E tudo por aqui fica.

Avanço então com o Derivas (42), mais um projeto chumbado pelo ICA, a segunda docuficção da trilogia, um retrato de Lisboa em estilo de comédia alfacinha. Filmo com a Ikegami, uso material de iluminação que me ficou da Diafilme. Mais tarde, para as últimas cenas, sirvo-me de duas minicâmaras HD de bolso, com excelente qualidade, compradas em Nova Iorque, bem baratas, que bem me servem. Arregimento alunos da Universidade Lusófona e a Ana Reis, da Escola de Cinema, filha do António Reis e da Margarida Cordeiro. Gente que trabalha de borla em troca de um relatório de estágio, que se entusiasma e se diverte, e mais um ou outro amigo para as emergências. Convenço atores profissionais. Convenço um astrofísico, o Professor Paulo Crawford, reputado pelo seu imenso saber no que toca à existência no espaço sideral de 'buracos de minhoca' que na teoria permitirão ao ser humano neles viajar, contornado os dogmas da impossibilidade de viajar mais depressa que a luz. Desafiei dois amigos, um casal de historiadores italianos especializados em temas de portugueses, a Guya Accornero e o Goffredo Adinolfi, um historiador português perito do Tempo, Fernando Correia de Oliveira, e o melhor artesão português de relojoaria pesada, O Luís Cousinha. Desencanto um assistente de montagem, o Pedro Caldeira, especializado em técnicas de ponta da informática, que ganha a vida a trabalhar de dia e a ajudar-me de noite, até às tantas. Acaba ele por emigrar para a Irlanda. Imigra para Londres a Ana Reis e o Hugo Alho, assistente de imagem, para o Catar. O diretor de fotografia, o Miguel Serra, que sai do filme com saber de mestre, fica-se pela Benfica TV. E fica o filme acabado, à espera de melhores dias, guardado também na gaveta, entre o primeiro e o terceiro. Ofereço a obsoleta Ikegami ao museu da Cinemateca Portuguesa. Agora uso câmaras do tamanho da minha mão. E fica o filme acabado,



à espera de melhores dias, guardado também na gaveta, entre o primeiro e o terceiro. Agora uso câmaras do tamanho da minha mão, passando a ver de olhos tapados.

Passo assim ao último, o Arribas (43), que será o fim do primeiro com contornos do segundo, passo a passo. Palmilho sozinho os trilhos do

meu passado e do meu futuro por sobre as escarpas batidas pelo mar, sendo quem fui, quem sou e quem serei. Sei, bem lá no fundo, que há por ali algures um ser oculto e quero descobrir que modo de ser ele tem. Terei de andar por onde andei quando, ainda criança, o procurava sem o achar. E lá vou eu, perseguindo a minha sombra desenhada pelo sol, que se afunda no mar, a poente.

Por essa hora, volvidos treze anos, meto-me de novo a caminho da casa da Maria José, que agora tem noventa anos. Talvez ela me ajude a adivinhar aquilo que procuro, contando-me mais uma história. Está ela sentada no seu velho sofá de pano, mais

triste, mais seca, mais amarga, sem sorriso. Os filhos pouco pescam, diz ela, há cada vez menos peixe no mar. Cresceram os netos e os bisnetos, que deixaram de vir vê-la por terem mais que fazer. O Rudolfo é agora professor de ginástica em Peniche e o David, o meia-leca a quem ela metia a colher na boca, virou matulão e emigrou para o Canadá com a família. É agora mecânico de automóveis. Está todo contente porque o estimam no ofício e porque ganha bom dinheiro. Não voltará ela de certeza a vê-lo antes de morrer. Pouco lhe importa isso, não está cá a fazer nada.

Trago-lhe de volta a pequenina fotografia que me tinha emprestado há mais de uma década, ela com dezoito anos. Tocado pela tristeza, prometo voltar em breve com uma surpresa. Volto a vê-la trazendo o prometido : a fotografia ampliada, quase do tamanho dela. Só então se lhe iluminou o rosto com um sorriso. Foi o último que vi.



Continuo derivando pelas encostas da península, a norte, sul, este e oeste, em círculo vicioso, fotografando e filmando-me a fotografar tudo o que faz sentido, formas e coisas, pedras estranhas meio enterradas num chão de argila. É na costa norte que mais fotografo, numa jazida de fósseis marinhos do Jurássico. Dou-me conta de que uma boa parte desses fósseis tem uma morfologia estranha, que não condiz com o que dizem os cientistas que por ali andam. Duvidando do que vejo, peço que me deem o seu parecer, enviando-lhes fotografias e descrições minuciosas dos achados. Dizem todos que ando a ver mal, coisa típica dos não entendidos. Teimo em continuar a ver bem e, passo a passo, de evidência a evidência, começo a descobrir aquilo que procurava : fragmentos petrificados de animais marinhos



Fóssil de um embrião de cefalópode marinho com tentáculos enrolados

gigantes, de micro-organismos bizarros, de peixes e de moluscos idênticos aos atuais : braços de polvo, cabeças de safio e de moreia, um sargo inteiro, pequenas e estranhíssimas criaturas coladas à pele dos safios, grandes e pequenas ventosas soltas

de polvos e de lulas, enormes embriões avermelhados de cefalópodes e bastante mais. Envio mails aos mais conhecidos especialistas de todo o mundo. Poucos me incentivam a continuar o meu trabalho. De todos os outros nem pio, só silêncio. No entanto consigo que, pouco a pouco, surjam referências



importantes ao que descobri na Wikipédia inglesa, francesa e portuguesa, além de algumas mais na net. Levar-me-ia a obstinação a ocupar todo o meu tempo nesta aventura durante três anos. Levou-me o desgaste a ter de parar. Não poderia desistir de dar continuidade a outras coisas para mim não menos importantes, sendo a principal levar a bom porto a caravela Anjo Gabriel, o que tristemente ainda não sucedeu graças às sucessivas negas do ICA, que se descarta, perante as minhas queixas, argumentando com hipocrisia



Fóssil de verme marinho de 2 cm que deu origem aos cordados. Idade: cerca de 540 milhões de anos

que a culpa não é sua mas sim do júri, que alguém mas não ele, por força da lei, na sua própria casa e em seu nome, decide cegamente ou conforme mais lhe convém. Batota essa que muitos como eu denunciam, sem apelo nem agravo.

Seja como for, o ponto alto de todo este meu paleio é a descoberta da 'minhoca', o tal verme marinho (44) de corpo mole que descobri dentro de uma das muitas pedras

que trouxe para casa. Quanto a isso não arredo pé. Não me resta sombra de dúvida : a criatura é um exemplar único da evolução dos cordados, sendo o Homem o ser mais avançado de todo esse imenso e brilhante processo.

Como se isso nada fosse, tramam-me a vida outros percalços. São estes bem mais antigos. Remontam ao início do meu ofício de artesão do cinema, aos tempos em que ventos e marés corriam a favor, fazendo com que eu e outros meus semelhantes singrassem por mares nunca dantes navegados, depois de anos e anos de mau tempo, que durou cerca de meio século. Manteve-se esta bonança não mais de três anos, logo após o dia 25 de abril de 1974, época em que a RTP abriu as portas a gente como eu. Foi nesses tempos felizes que fiz a série Mar Limiar. Não voltei a ver a maior parte desses filmes depois de serem exibidos. Resta-me uma vaga memória do que fiz. Os respetivos suportes em película foram depositados no ANIM (45), no museu de cinema da Cinemateca Portuguesa, juntamente com todo o espólio filmico da RTP que, depois de substituir a película de 16 mm pelo vídeo analógico, teve mais tarde o bom senso de digitalizar tudo o que tinha em arquivo, com ajuda de dinheiros públicos. As cópias digitais e os originais encontram-se agora no ANIM, salvaguardadas.

Um dos raros filmes da série Mar Limiar, que só há pouco voltei a ver, foi Às Vezes Custa, uma curta-metragem sobre a arte da xávega filmado na Nazaré em 1975, colocado online pela RTP sem eu saber. O segundo foi a longa Mau Tempo, Marés e Mudança (46), que retrata a vida do Manuel Pardal, pescador e poeta repentista do Algarve, graças a um DVD que me foi emprestado, mediante terceira pessoa, por uma filha sua, mulher humilde, que o comprou à RTP e que lhe custou os olhos da cara. Vinha no formato televisivo de três curtas-metragens. Pedia-me a interposta pessoa autorização – depois de a ter pedido à RTP, que lhe respondeu que a teria de pedir a mim – para a exibição do filme na Mostra



Manuel Pardal e um amigo perante o capataz



Ti Zaragata e amigos preparando as redes

de Cinema Documental "O Algarve Documentado", na Quarteira, em agosto de 2010. Disse-lhe que sim, na condição de o filme ser mostrado no formato de longa-metragem, comprometendo-me a ser eu a fazer de graça a colagem das partes, ficando com uma cópia. Tive a surpresa de ver online o terceiro filme da série por mero acaso, os Avieiros

(47), a minha primeira longa. Tinha sido incluído pela RTP, sem me dar uma só palavra, numa lista de outros de diferentes autores sobre fainas artesanais. Colei as partes, fiz uma cópia do filme e algumas correções de contraste da imagem, visto o tempo ter degradado um pouco a cópia de exibição da RTP. Voltar a ver estes filmes volvidos cerca de quarenta anos, depois de os esquecer quase por inteiro, foi, uma a uma, experiência reconfortante e perturbadora. O mesmo sucederá de certeza quando conseguir ver os restantes.

Mantenho a Cinemateca ao corrente desta desdita. Os filmes estão no ANIM e eu tenho plenos direitos sobre estes e todos os outros que lá depositei. Hesita o ANIM sobre o direito que tem em me ceder cópias, mesmo em DVD. Falamos e voltamos a falar e daí não saímos. Digo que nada de semelhante se passa com a Cinemateca Francesa, que serviu de modelo à criação da portuguesa, que a francesa tem há muito um departamento em Paris, a Biblioteca do Filme (BIFI) onde qualquer pessoa pode ver qualquer filme do espólio, que presta agora um novo serviço que permite enviar pelo correio DVDs a quem quer se seja, que assim deveria ser também com a portuguesa. Nada : há um ano não havia sequer dinheiro para comprar prateleiras onde meter os filmes, que mesmo que por milagre lhe chegue mais algum isso não chegará para acudir a outras urgências. Respondo que há soluções hoje em dia para muitos desses problemas, discos rígidos em que se pode armazenar milhares de filmes, filmes que podem chegar em tempo real a qualquer parte do mundo, de graça ou com uma pequena taxa que cobrirá grande parte das despesas. Digo que a coisa terá de ser ponderada a curto prazo, que eu bem gostaria que as minhas fitas lá estivessem metidas, que pudessem chegar a quem gostasse de as ver, que gostaria de ver isso acontecer antes de bater a bota.

Habituei-me a não perder a esperança às primeiras e não me engano nem desengano quando o progresso ilumina os caminhos por onde ando. Progresso é progresso. E acabo de saber que o Governo que agora temos decidiu atribuir 2% do orçamento do Estado à cultura, coisa nunca vista, que a Senhora Ministra cumpriu a promessa, que afinal de contas não se foi mas que se fica, que genica e astúcia não faltam ao Senhor Secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media. A final de contas, vivemos no melhor dos mundos. Mesmo que surja algum percalço abrupto teremos alguém à altura de lhe dar a volta. Acredito que assim será e que desta vez e de uma vez por todas não sairemos desenganados.

Como esperar não basta, teremos que trabalhar para que a ambição se firme, para que paragens desastrosas como as do Museu de Peniche, que finalmente nos abriu as portas, nada mais nos dê a ver que paisagem e paredes brancas. Para que o espólio que dele foi insidiosamente removido e fechado a



Vista aérea da Fortaleza de Peniche

sete chaves num armazém alugado saia dos caixotes onde se encontra meio-morto e renasça. Para que a minhoca aí encarcerada, a quem devemos a vida, se torne rainha. Teremos de puxar pela corda para que o Senhor Secretário de Estado consiga, tal como anuncia, fintar mostrengos como a Netflix e monstrinhos como a Fox. Para que os nossos filmes surjam, com um clique, na tela de qualquer sala de cinema ou no ecrã de qualquer outro lugar. Terá o Senhor Secretário de nunca perder de vista ser secretário da cultura e não do comércio. Só assim o nosso cinema será dado a ver um pouco por todo o lado, único como é e com a dignidade que tem, mais que muitos outros. Vale muito mais a moeda do saber sério que a do ligeiro. Conforta-nos mais o primeiro que o segundo.

O filme híbrido de documentário e ficção é uma particularidade do cinema português desde que o dândi Leitão de Barros, alfacinha de múltiplos ofícios, se aventurou a dar a ver ao seu povo a Maria do Mar, a nazarena de uma terra de pescadores num filme mudo de 1930, que falava com imagens. O género não tinha nome. Passou a



tê-lo no final da década de 1980, num sábado de manhã no Museu do Homem quando se falava dos filmes que o Jean Rouch tinha feito em África, misturando etnografia com ficção. Estava lá o Brice, que se saiu com esta : pode chamar-se a isso etnoficção ...

A palavrinha etnoficção começou a ser usada nas sessões do museu e, pouco a pouco, tornou-se conhecida. Só bastante mais tarde surgiu a palavra docuficção. Ouvia-a pela primeira vez quando uma funcionária do Festival de Veneza me perguntou qual era o género do Brumas. Respondi ser um híbrido de documentário e ficção. «Então é uma docuficção!» disse ela. Achei o termo bizarro e não voltei a ouvir tal coisa. Apercebi-me, mediante uma pesquisa no Google, que tal palavrão tinha surgido na Itália, numa breve referência de um professor universitário italiano, num texto sobre assuntos relacionados, texto esse que não voltei a encontrar. Decidi assim estudar o assunto e publicar na Wikipédia um artigo com esse nome. Foi publicado a 8 de março de 2008 na Wikipédia inglesa e portuguesa e no dia 10 na francesa. Fui melhorando os textos pouco a pouco. Tornaram-se definitivos em 2016. Apenas no artigo em língua inglesa houve, em duas ou três vezes, pequenas correções no modo de expressão. Tornou-se assim o conceito universal, passando a ser usado por toda a gente, cineastas, produtores, professores, estudantes, críticos, jornalistas. Mantém-se há três anos tal como está.

Há quem, ciente das fraquezas das Ciências do Homem, saiba bem que terá de se vergar perante exigências prazenteiras do seu modo de ser. Há quem, dadas as circunstâncias e os caprichos do ser, prefira fazer o seu trabalho honestamente, sem mais nem menos, com um sorriso nos lábios em paisagens luminosas. Há quem, sendo bem-intencionado, tropece no conflito entre ética e estética, acabando por transigir,

por força das circunstâncias, em que a obra criada se torne lucrativa, e quanto mais tanto melhor, fazendo réplicas da Ilha Nua em *film noir*. Transcende-se hoje a docuficção, ora é mais documentário ora é mais ficção, ora é pobre ora é rica, acabando por ser aquilo que não é. Certas vezes é mais que vista, outras vezes ninguém a vê. Que raio de história é esta?

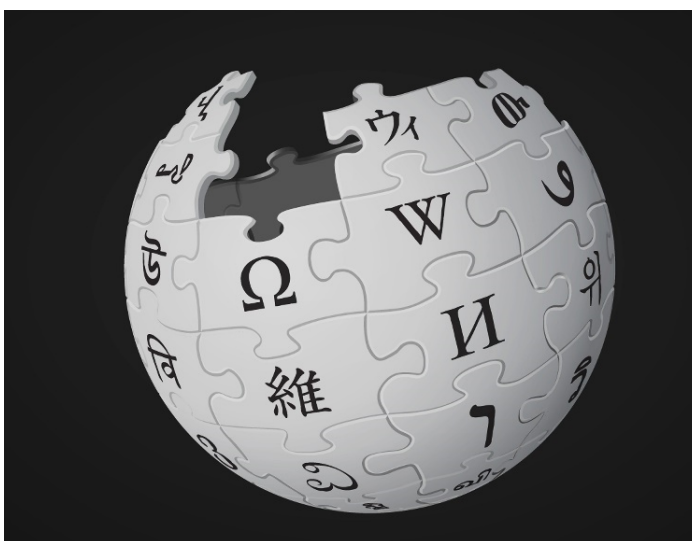


Guerra e paz

É ponto assente hoje em dia vivermos num espaço global, manipulado tanto por agentes secretos como indiscretos, a soldo de mandantes desatinados. Ninguém hoje se livra disso. É uma carga de trabalhos!

Tais agentes entram-nos porta dentro quando menos esperamos, dando-nos cabo do descanso. No meu caso, dão-me cabo do trabalho visto eu trabalhar em casa, onde tenho cama e escritório. Só trabalho fora quando me ponho a filmar, coisa que faço cada vez menos. Por norma, agentes desses são bem pagos nas tarefas que executam, o que é natural. Não será por certo natural que alguém, pago ou não, acabe por me lixar quando menos espero, entrando-me casa dentro não pela porta mas sim pelo monitor, via IP. É por esta via que eu ocupo grande parte do dia para recolher matéria prima para o meu ofício. Uma das causas do transtorno é a Wikipédia, ferramenta global de que frequentemente me sirvo, não tanto quando leio, mais ainda quando escrevo. Tenho por hábito e princípio fazer correções nos textos que leio, assim contribuindo para melhorar a plataforma que me serve, a mim e a todos nós. Plataformas dessas são serviços gratuitos que nos facilitam a vida. E muito mais no futuro, graças aos avanços da 'internet das coisas', cuja porta de entrada em nossa casa ou em qualquer outro lugar é precisamente o IP.

Quando calha, de vez em quando, dando em partilha o meu saber, publico novo artigo na Wikipédia, que será identificado pelo nº do IP, sujeito neste caso a maior controle, ou ainda pelo nome de editor, nome próprio ou pseudónimo. A Wikipédia ocupa uma parte importante do universo global. É trabalho de voluntário de todo o mundo. Qualquer pessoa pode editar um artigo nesta enciclopédia, criar um novo ou melhorar



qualquer outro, corrigindo erros de ortografia ou contribuindo com o seu saber. É considerado um dos cinco maiores sites web. No início da década de 2010 tinha cerca

de 365 milhões de leitores. O seu criador é Larry Sanger, em parceria com Jimmy Wales, ambos norte-americanos, sendo o primeiro filósofo e o segundo empresário. São duas as principais fragilidades da Wikipédia : artigos feitos por gente que na sua maioria não é especialista no tema ou por vândalos que alteram os textos, por maldade, por má-fé, por tendências perversas ou simplesmente para darem nas vistas. Num universo assolado por disputas de toda a ordem, não é de estranhar que a Wikipédia se torne palco dessas batalhas. Permite a vulnerabilidade da enciclopédia que uma só pessoa possa provocar um desastre. Se alguém dessa laia se eleva a colaborador interno, se for aceite como revisor ou administrador, o que não é difícil, pode tramar editores honestos e prejudicar os leitores.

Transgressão grosseira de princípios elementares e falta de bom senso, qualidade que se recomenda em tais princípios, levaram um administrador canadiano a amputar uma boa fatia de texto, particularmente importante, do artigo em língua inglesa sobre a docuficção, argumentando que se tratava de “bullshit”. Embirava ele com a metáfora dos dois pratos da balança, do peso do documentário e da ficção, com o pender do fiel para um dos lados ou para o outro. Destaca-se no artigo uma certa citação :

“Se a vanguarda de ontem constituía um homicídio do real, a de hoje ressuscita a anarquia do real e o triunfo do cinema total”. Não percebia este senhor patavina daquilo que lia. Simplifiquei a literatura uma vez, duas vezes e nada, até que um dia deparei com o artigo reduzido a cerca de dois terços do seu tamanho, com a remoção do capítulo ‘Docuficção extrema’. Resolvi comentar o disparate na



Vencedores do Encontro Internacional 'Bear Rendezvous',

página de discussão do artigo com sólidos argumentos. Pior ainda. Sobe o fel ao miolo do administrador, que apaga num repente de mau humor o artigo sobre a minha pessoa, que já lá estava há dozes anos, além dos artigos dos meus filmes incluídos na lista das docuficções históricas. É um assassinato virtual que atinge o visado com bala certa, disparada do outro lado do Atlântico. É obvio que se o disparo tivesse sido feito cá, seria com arma estrondosa, se calhar uma bazuca.

O nome deste senhor administrador de Toronto é 'Bearcat', gato-urso traduzido à letra, pequeno mamífero peludo nativo dos Himalaias, animal solitário que só caça entre o pôr e nascer do sol. É nome bem-apanhado, sim senhor! Na sua página de usuário, Bearcat retrata-se com minúcia : cabeludo obeso com aparência de macho selvagem, gay sempre desperto à custa da cafeína, depressivo crónico, fan do indie rock e da música para adultos da rádio nacional canadiana CBC, etc. e tal. Raio de sorte esta! ...

Tenho também inimigos brasileiros, mais antigos, menos brutos que o gato-urso, mas mais perversos, mais retorcidos, mais assíduos, miudinhos. Uma praga! Seguem-me passo a passo, por todo o lado, ao ponto de já lá estarem antes de eu lá chegar. São pai, filho do meio e filho menor. Deste último nem vale a pena falar. São meus fãs, só

para chatear. Embirram comigo por desporto, por inveja, por um trauma qualquer que eu não entendo. Gostam de mim odiando-me, não sei porquê. São mesquinhos, tanto ou mais que os fãs do Bolsonaro. O filho do meio, o 'Revolucionado aliado' começou por apagar melhoramentos de um artigo que eu tinha criado, o 'Cinema de Arte', quando eu estava perto de o terminar. Desmembrou o artigo, desfez frases e frases escritas em português de Portugal para as refazer em português do Brasil, no pior que este tem. Removeu referências, apagou ligações externas a conteúdos por vezes mais ricos que os do artigo. Do artigo o 'Cinema



de Arte' sobreviveu apenas uma triste caricatura. Dei-me conta há dias que o artigo foi recuperado por editores do Brasil, em grande parte pela mão do Chico Buarque, que pouco restaurou. Revezam-se nos ataques o Revolucionado aliado com o pai, o Porantim, por vezes na pele um do outro. Sucede isso em particular com os artigos sobre Peniche e sobre o Museu da Resistência e da Liberdade, em cujas ligações externas figuravam propostas para a reconstrução dos edifícios e para o bom desempenho das suas atividades. Sem respeito algum pelo trabalho dos outros, retiram os links que dão acesso aos textos, o que desmotiva dramaticamente o interesse pelo escrito.

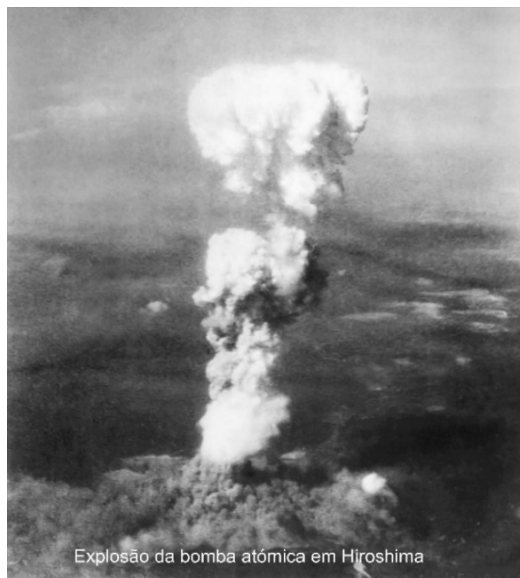
Renato de Carvalho Ferreira é um usuário e administrador da Wikipédia portuguesa https://pt.wikipedia.org/wiki/Usu%C3%A1rio:Renato_de_carvalho_ferreira. Brasileiro de 26 de idade, dá-se a conhecer com nome próprio e não com pseudónimo, o que é invulgar. Lá tem as suas razões. É historiador formado pela Universidade de São Paulo. Na sua página de usuário, descreve-se como alguém que já contribui com cerca de 254 mil edições e com a criação de cerca de 6 mil novos artigos, o que implica uma produtividade espantosa para a idade que tem. Interessa-se particularmente por personalidades da Antiguidade, da Idade Média e outras épocas, pelo aporuguesamento de muitos desse nomes https://pt.wikipedia.org/wiki/Usu%C3%A1rio:Espantado/geral#Aporuguesamento_que_casam_estarhez, e não perde a oportunidade de meter uma colherada em artigos da história de Portugal. Chegou lá num ápice, usando o astuto expediente de interferir nos artigos em que o seu conterrâneo Porantim e família há anos se imiscuíam, apagando conteúdo importante, fazendo pior que eles (ver <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Peniche&diff=57070338&oldid=57069674>). Destruir ou obstruir conhecimento útil ao público, à sociedade ou à humanidade é prática de ditadores. Quanto mais eles forem, grandes ou pequenos, tanto pior. Não será sensato subestimarmos tais maldades. Vivemos numa época de urgências que não podemos adiar, nem com Bolsonaros, nem com Trumps, Putins, Erdoğan, Al-Bashirs, Al-Assads nem com quaisquer outros.

Por que motivo acontecem tais coisas? Por que carga de água se intermete gente obtusa, do hemisfério sul, em assuntos que não lhes dizem respeito, por realidades a que são alheios? Será por ressentimento histórico? Será que, por terem sido colonizados, querem agora ser pioneiros de um novo império, o Império Brasileiro? Passando

Portugal a ser colónia sua, com outros países do Ultramar? Certo é que existe no Brasil gente mais que suficiente para isso. São mais que as mães. Haverá assim boas razões para pensarem nisso a sério.

Outro desaire que tive, do mesmo género, foi com um norte-americano, da mesma estirpe. Decidi melhorar radicalmente um artigo da Wikipédia inglesa, parco no tema, intitulado 'Guerilla Filmmaking' (género de cinema independente que se opõe à corrente mainstream, própria de Hollywood).

Quando me encontrava em vias de o concluir, é revertida a edição, depois de semanas de trabalho. Ficou o artigo como antes estava, um esboço. Traduza-o para francês e criei um novo artigo na Wikipédia francesa com o título de 'Cinéma de guérilla', em que figuram cineastas de vários países, diversos autores com sensibilidades distintas, representantes do género. Aí se lê que o japonês Kaneto Shindō, autor de 'A Ilha Nua' (1960), foi o pioneiro do cinema de guerrilha, com o filme 'Crianças de Hiroshima', uma docuficção sobre os efeitos da bomba atómica, lançada em agosto de 1945 (tinha eu cinco anos). Vive a jovem Takako Ishikawa em Hiroshima quando a bomba explode. É a única pessoa da família que sobrevive. Terminada a guerra, começa a dar aulas no ensino primário num ilhéu do mar interior Seto. Sedenta de notícias dos alunos que tinha na creche onde trabalhava antes, aproveita as férias para visitar pela primeira vez a terra natal desde que de lá saíra.



Explosão da bomba atômica em Hiroshima

Podemos assim constatar que ficção e documentário existem em partes iguais neste filme, facto subjacente às motivações éticas e estéticas que deram origem ao filme. Num artigo do New York Times relativo a uma retrospectiva de Shindo na Academia de Brooklin, em abril de 2011, o crítico de cinema A. O. Scott destaca 'o equilíbrio da seriedade ética com um apetite voluptuoso pela beleza natural e pela elegância pictórica'. Tinha essa retrospectiva como subtítulo *The Urge for Survival* (A Exigência de Sobreviver), num ano em que Kaneto Shindo fazia noventa e nove anos de idade. Morreria um ano depois.



A professora Takako Ishikawa com ex-aluno

Desde sempre enredado em questões desta ordem, de equilíbrio entre o exprimido e a expressão, entre realidade e fantasia, fiz eu cinco longas-metragens de docuficção. A primeira foi Mau Tempo Marés e Mudança, a segunda O Pão e o Vinho, a terceira Brumas, a quarta Derivas, a quinta Arribas, todas elas em paisagens planas, em que

para além da linha do horizonte só se vê o infinito. Para além dessa linha, perde-se de vista a realidade, espraia-se os olhos sem nada alcançar. Nunca me seduziram paisagens alcantiladas como as de Trás-os-Montes, em que uma pessoa se sente enclausurada entre a pedra e o céu. Para sairmos de tais lugares inóspitos, teremos de percorrer veredas, de vale a vale, caminhos tortuosos, de subir e descer montanhas agrestes, tendo de sofrer. Um só desses filmes, *O Pão e o Vinho*, não tem paisagens de mar, mas sim de planície, lugar



equivalente, lugar de longínquos horizontes, lugar que iremos percorrer em linha reta, num percurso que só acabará no infinito. É sentir que percorremos o mais curto caminho para depressa alcançarmos o nosso destino, algo de desejado, por vezes um corpo de mulher. É a nossa última cartada. É caminharmos muitas das vezes, tal como me diz um velho amigo, o Carlos Ramos (48), 'com as mãos dentro do corpo, no mar todo, em busca de alguém que ame o meu caminho, até à inevitável visitação da noite'. É destino fatal em demanda da palavra : **"Um destino atravessa a língua para chegar"**.

NOTAS

01 II Encontro Internacional de História Oral do Cinema Português

<http://rcfilms.dotster.com/Segundoencontrocinemepor.pdf>

02 Nanook, o esquimó

https://pt.wikipedia.org/wiki/Nanook_of_the_North

03 Robert Flaherty

https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Flaherty

A etnoficção como género cinematográfico

http://rcfilms.dotster.com/entrevista_caterina.pdf

04 Jean-Baptiste Charcot

https://es.wikipedia.org/wiki/Jean-Baptiste_Charcot

05 Renda de bilros de Peniche

<http://www.cm-peniche.pt/rendas-de-bilros-de-peniche>

História de Peniche

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Peniche#História>

06 Humberto Delgado

https://pt.wikipedia.org/wiki/Humberto_Delgado

07 João César Monteiro

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_C%C3%A9sar_Monteiro

08 César Monteiro segundo Luiz Pacheco (comigo a reboque)

<https://www.publico.pt/2010/03/10/cultural/pilson/noticia/cesar-monteiro-segundo-luiz-pacheco-comigo-a-reboque-252379>

A minha certidão

<https://web.archive.org/web/20061212102327/http://bibliomanias.no.sapo.pt/jcmonteiro.htm>

O Passado e o Presente

https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Passado_e_o_Presente

09 Manuel Pina: Memória do Cineclubismo

<http://www.cinematca.pt/Programacao.aspx?id=9292&ciclo=803>

- 10 José Ernesto de Sousa** https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Ernesto_de_Sousa
- 11 Grupo dos Amigos de Olivença** https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_dos_Amigos_de_Oliven%C3%A7a
- 12 MONDAR editores** https://pt.wikipedia.org/wiki/MONDAR_editores
- 13 Couraçado Potemkine** https://pt.wikipedia.org/wiki/Bronenosets_Potyomkin
O Couraçado Potemkin (1925) <https://www.publico.pt/2008/07/17/jornal/o-couracado-potemkin-1925-269077>
- 14 Guerra Colonial Portuguesa** https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Colonial_Portuguesa
O movimento dos Capitães e o 25 de Abril <https://www.dn.pt/opiniaao/jornalismo-de-cidadao/o-movimento-dos-capitães-e-o-25-de-abril-eu-estava-lá--3829327.html>
Militares, políticos e outros mágicos <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223572607E9eSO6bd8Uz23Wl6.pdf>
- 15 Crise Académica de 1962** <https://www.infopedia.pt/Scrise-academica-de-1962>
- 16 Luís Filipe Lindley Cintra** https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Filipe_Lindley_Cintra
Crise de 1962 : Como a ditadura perdeu os estudantes <https://www.esquerda.net/artigo/crise-de-1962-como-ditadura-perdeu-os-estudantes/22462>
Algumas considerações a propósito da crise académica de 1962 <https://journals.openedition.org/lerhistoria/622>
- 17 Cepos de âncora em chumbo descobertos em águas da Berlenga** http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_6_7/cepos_ancora.pdf
O potencial arqueológico da ilha Berlenga. Memorando para a Reserva Natural da Berlenga <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cnans/2/2.pdf>
- 18 Vá-Vá. O que torna este café tão especial?** http://vava-diaando.blogspot.com/2007_07_01_archive.html
Siné ilustrado <http://rcfilms.dotsler.com/sine-ilustrado.pdf>
- 19 O Herberto Helder desconhecido** <https://www.sabado.pt/apps/balco-plataia/livros/detalhe/20150422-1532-o-herberto-desconhecido>
Herberto Helder (poemas lidos por Luís Gaspar) <http://www.estudioaraposa.com/index.php/category/poetas/herberto-helder-poetas/>
In memoriam de Herberto Helder [1930-2015] – PARTE III http://almocrevedaspetas.blogspot.com/2015/03/in-memoriã-de-herberto-helder-1930_35.html
- 20 MONDAR editores** https://pt.wikipedia.org/wiki/MONDAR_editores
- 21 Poesia Experimental: 1º caderno antológico** <https://po-ex.net/taxonomia/trans textualidades/paratextualidades/poesia-experimental-1-capa/>
- 22 CIA** http://www.cd25a.uc.pt/media/pdf/Biblioteca%20digital/CRAVOS_DE_ABRIL.pdf
- 23 Horst Hano** https://pt.wikipedia.org/wiki/Horst_Hano
- 24 Comício do PS na fonte luminosa (filme)** <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/comicio-do-ps-em-lisboa> / **Mário Soares, em Julho de 1975** <http://www.arqnet.pt/portal/discursos/julho02.html> / **O comício da Alameda feito em aliança com a Igreja para combater o PCP** <https://online.sapo.pt/artigo/541846/o-comicio-da-alameda-feito-em-alianca-com-a-igreja-para-combater-o-pcp?seccao=Portugal>
- 25 Homem Montanhês** https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Montanh%C3%AAs / **O Pão e o Vinho** https://pt.wikipedia.org/wiki/O_P%C3%A3o_e_o_Vinho
- 26 O Nosso Futebol** https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Nosso_Futebol
- 27 Verde por Fora, Vermelho por Dentro** https://pt.wikipedia.org/wiki/Verde_por_Forã_Vermelho_por_Dentro

- 28 Almeida Faria** https://pt.wikipedia.org/wiki/Almeida_Faria
- 29 Mar Limiar** https://pt.wikipedia.org/wiki/Mar_Limiar
- 30 António–Pedro Vasconcelos** https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio-Pedro_Vasconcelos
- 31 Luiz Francisco Rebello** https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Francisco_Rebello
- 32 São Jorge da Mina** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Elmina>
- 33 Papaveronoir** <http://www.papaveronoir.com/index2.html>
- 34 João Viana** <http://www.cineptubi.pt/pessoa/2143892728/Jo%C3%A3o+Viana>
- 35 António da Cunha Telles** https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_da_Cunha_Telles
- 36 Museu do Homem** https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_do_Homem
- 37 Paroles** [https://fr.wikipedia.org/wiki/Paroles_\(film\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/Paroles_(film))
- 38 A Look at Portugal** <https://cineuropa.org/en/newsdetail/9171/>
- 39 Brumas** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Brumas> **Paroles** [https://fr.wikipedia.org/wiki/Paroles_\(film\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/Paroles_(film))
- 40 Quarteto : quatro salas quatro filmes** <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/03/quarteto-quatro-salas-quatro-filmes.html>
- 41 Quad cinema** <https://quadcinema.com/>
- 42 Derivas** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Derivas>
- 43 Arribas** <http://cliffs.name>
- 44 Verme marinho** <http://SEAWORM.penichefossil.net>
- 45 ANIM** <http://www.cinamateca.pt/Servicos/Acesso-Arquivo-Filmeico.aspx>
- 46 Mau Tempo, Marés e Mudança** https://pt.wikipedia.org/wiki/Mau_Tempo,_Mar%C3%A9s_e_Mudan%C3%A7a
- 47 Avieiros** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Avieiros> / **Avieiros (filme online e docs)** <http://rcfilms.dotster.com/AVIEIROS.pdf>
- 48 Carlos Ramos (poeta de Peniche)** http://rcfilms.dotster.com/Carlos_Ramos.pdf
-

TEXTOS relacionados

O comércio e o cinema

- * **Explosão da bomba (vídeo)** <https://www.youtube.com/watch?v=ETbI0h0kVg>
The Urge for Survival: Kaneto Shindo <https://threads.srithreads.com/2011/04/the-urge-for-survival-kaneto-shindo-a-film-retrospective-at-the-brooklyn-academy-of-music/>
Cinéma de guérilla https://fr.wikipedia.org/wiki/Cinéma_de_guérilla

- * **Costa do Castelo** <https://knoow.net/arteseletras/cinemateatro/costa-do-castelo-filmes/>
- * **Paulo Trancoso** <http://www.cinept.ubi.pt/pt/pessoa/2143689225/Paulo+Trancoso>
- * **Presidente da Academia Portuguesa de Cinema**
<https://www.publico.pt/2011/09/27/culturaipilson/noticia/producao-paulo-trancoso-e-o-primeiro-presidente-da-academia-portuguesa-de-cinema-1513832>
- * **Polémica César Monteiro/António-Pedro Vasconcelos**
<https://www.publico.pt/1992/09/20/culturaipilson/noticia/foao-cesar-monteiro-querem-estranhular-nascenca-novos-oliveiras-portugueses-1859696>
- * **Crónica inconveniente da Revolução dos Cravos** http://rcfilms.dotster.com/CRAVOS_DE_ABRIL.pdf
- * **Relatórios CIA – 25 de Abril 1974** <https://www.theuniplanet.com/2011/04/relatorios-cia-25-de-abril-1974.html>
- * **O significado do assalto à embaixada de Espanha** <http://media.rtp.pt/memoriasdarevolucao/acometimento-o-significado-do-assalto-a-embaixada-de-espanha/>
- * **El Mundo recorda a noite em que a embaixada espanhola em Lisboa ardeu**
<https://observador.pt/2018/04/28/el-mundo-record-a-noite-em-que-a-embaixada-espanhola-em-lisboa-ardeu/>
- * **Foi há 41 anos o assalto às instalações consulares espanholas em Lisboa, Porto e Évora**
<https://aov.blogs.sapo.pt/foi-ha-41-anos-o-assalto-as-instalacoes-1179119>
- * **Madrid temia sequestro dos seus diplomatas em Lisboa**
<https://www.publico.pt/2015/11/15/culturaipilson/noticia/madrid-temia-sequestro-dos-seus-diplomatas-em-lisboa-1714552>

Arte ou mercado?

- * **António-Pedro Vasconcelos: E se começássemos a falar dos “utentes da Cultura”?**
<https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/antonio-pedro-vasconcelos-e-se-comecassemos-a-falar-dos-utentes-da-cultura>
- * **O que é de autor e o que é mercado** <https://www.tsf.pt/portugal/politica/nuno-artur-silva-o-sobrinho-a-rtp-e-o-cinema-dele-11438669.html>
- * **“Ainda que se possa perder muito, não deixa de ser cinema quando o vemos num ecrã de telemóvel”**
<https://www.dn.pt/opiniaao/opiniaao-dn/nuno-artur-silva/cinema-10574796.html>
- * **Novo capítulo de uma guerra** <https://online.sapo.pt/artigo/675537/cinema-acabado-de-tomar-posses-novo-secretario-de-estado-ja-divide-o-sator?seccao=Portugal>

Património ao abandono?

- * **ANIM** <https://www.compete2020.gov.pt/noticias/detalhe/Proj12440-RTP>
- * **Museu da Resistência e da Liberdade** https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_da_Resist%C3%Aancia_e_da_Liberdade
- * **Contribuições para o futuro da fortaleza** <http://rcfilms.dotster.com/MRL-DOCS.pdf>
- * **Gruta da Furninha** <https://pt.wikipedia.org/wiki/Furninha> / **Menino do Lapedo** <http://testemunhosdaarqueologia.blogspot.com/2015/05/menino-do-lapedo.html>
Esqueleto da criança do Lapedo proposto como tesouro nacional
<https://www.publico.pt/2018/12/15/ciencia/noticia/esqueleto-crianca-lapedo-proposto-tesouro-nacional-1854812>
- * **PENICHEFOSSIL** <http://penichefossil.net>

TEXTOS EM INGLÊS

- HAVING TO CREATE article on human condition http://rcfilms.dotster.com/HAVING_TO_CREATE.pdf
 - HAVING TO BE article on vital drive and Earth <http://rcfilms.dotster.com/HAVING%20TO%20BE.pdf>
 - HAVING TO SEE article on visual perception http://rcfilms.dotster.com/HAVING_TO_SEE.pdf
 - LECTURE written version of the speech at the Calouste Gulbenkian Foundation
<http://rcfilms.dotster.com/LECTURE.pdf> https://en.wikipedia.org/wiki/Calouste_Gulbenkian_Foundation
-

Ricardo Costa [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_Costa_\(cinesta\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_Costa_(cinesta))
<http://ricardocosta.net>

mail [at] ricardocosta.net

Artigo criado a 10 de novembro de 2019